

## **SOBRE A VIOLÊNCIA: EM BUSCA DA HUMANIZAÇÃO PELA LITERATURA**

*On violence: in search of humanization through literature*

Andre Rezende Benatti

[andre\\_benatti29@hotmail.com](mailto:andre_benatti29@hotmail.com)

<https://orcid.org/0000-0001-8909-8347>

Michele Felizardo Lopes de Oliveira

[michelefelizardo30@gmail.com](mailto:michelefelizardo30@gmail.com)

**Resumo:** O artigo discute a possibilidade do desenvolvimento de um ensino de literatura através de abordagens temáticas, privilegiando o diálogo entre literatura e violência como meio de mostrar o quanto o texto literário é apropriado para estimular não só o gosto da literatura e sua relação com a sociedade, mas também uma compreensão maior do contexto social que está inserido, pois, neste contexto atual, um problema social que assusta a coletividade é a violência, logo merece espaço dentro da escola. A pesquisa tem como objetivo refletir sobre a importância da abordagem da narrativa sobre violência no espaço escolar através da análise da obra *De gados e homens* (2013) da escritora Ana Paula Maia, apresentando Edgar Wilson como protagonista atordoado do matadouro. Brutalizado pela ação do trabalho, sofre um processo de desumanização como metáfora, que se inicia no título e se desenvolve na trama. A temática da violência contribui para uma discussão sobre a formação do leitor e a função humanizadora da literatura. Assim, para tratar desta representação no romance *De gados e homens* (2013), tomamos os estudos da violência de Xavier Crittitz (2011), Hannah Arendt (2011), a função humanizadora da literatura de acordo com Antonio Candido (2011), entre outros teóricos como Jaime Ginzburg e Karl Erik Schollhammer.

**Palavras-chave:** Literatura. Violência. Leitura. Humanização.

**Abstract:** The article discusses the possibility of developing a teaching of literature through thematic approaches, privileging the dialogue between literature and violence as a means of showing how the literary text is appropriate to stimulate not only the taste of literature and its relationship with society, but also a greater understanding of the social context that is inserted, because, in this current context, a social problem that scares the community is violence, therefore it deserves space within the school. The research aims to reflect on the importance of approaching the narrative about violence in the school space through the analysis of the work *De gados e Homens* (2013) by the writer Ana Paula Maia, presenting Edgar Wilson as a stunning protagonist of the slaughterhouse. Brutalized by the action of the work, it undergoes a process of dehumanization as a metaphor, which begins in the title and develops in the plot. The theme of violence contributes to a discussion about the formation of the reader and the humanizing function of literature. Thus, to deal with this representation in the novel *De gados e Homens* (2013), we take the studies of violence by Xavier Crittitz (2011), Hannah Arendt (2011), the humanizing function of literature according to Antonio Candido (2011), among others theorists like Jaime Ginzburg and Karl Erik Schollhammer.

**Keywords:** Literature. Violence. Reading. Humanization.

## Introdução

A leitura no Ensino Médio é um fator primordial para concluir a formação escolar do aluno na Educação Básica. É responsabilidade do Estado, escola, sociedade e família, mas devido às rotinas, desigualdades sociais, falta de Políticas Públicas o incentivo a leitura fica restrito à escola, que enfrenta entraves severos, os quais exigem criatividade, compromisso e boa formação da equipe pedagógica associado a cursos de capacitação que promovam aperfeiçoamento do professor e a aproximação do saber acadêmico à prática escolar para o enfrentamento dos problemas referentes ao ensino de leitura.

O quadro geral de ensino de leitura na Educação Básica evidencia lacunas no desenvolvimento da habilidade de leitura. Isso é nomeado como analfabetismo funcional (Castells *et al.*, 1986), pois embora o indivíduo saiba ler e escrever, não sabe usar este conhecimento para entender mais que uma frase, e assim o impedindo para que tenha maior interação com o texto. É conhecida a nossa qualidade de leitura, historicamente ruim e ganhou precisão de pesquisa (NATALI, 2008). Esta crise de leitura no ensino brasileiro comprovada por diversas pesquisas como bem afirma Fabiano dos Santos Piúba, em *Retratos da leitura no Brasil 3*:

Temos uma dívida social histórica com a leitura no Brasil. Nossos indicadores educacionais e culturais nessa área, embora venham sendo melhorados a cada ano, revelam o quanto ainda temos que caminhar. As estatísticas nacionais quanto à leitura indicam que os brasileiros leem pouco e que a compreensão leitora de nossas crianças, jovens e adultos revela enormes dificuldades em relação à análise, interpretação e produção de textos. (2012, p. 218).

Abordar a leitura é adentrar nos seus mecanismos de ensino que atuam na formação de leitores. Para isso cabe ao professor selecionar textos, proporcionar leituras, espaços, situações que propiciem este momento de encontro entre os alunos e as palavras que o transportarão a imaginação e seu conhecimento de mundo. Assim, o texto é uma forma interativa, multifacetada e formada gramaticalmente e semanticamente gerando um sentido. Roland Barthes define o texto nos seguintes termos:

Texto quer dizer tecido; mas enquanto até aqui esse tecido foi sempre tomado por um produto, por um véu acabado, por trás do qual se mantém, mais ou menos oculto, o sentido (a verdade), nós acentuamos agora, no tecido, a ideia gerativa de que o texto se faz, se trabalha através de um entrelaçamento perpétuo; perdido nesse tecido – nessa textura – o sujeito se desfaz nele, qual uma aranha que se dissolvesse ela mesma nas secreções construtivas de sua teia (BARTHES, 1973, p75)

## Sobre a violência: Em uma busca da humanização pela literatura

O texto é um tecido que entrelaçam suas partes e forma um todo, por isso compara-se a uma aranha a tecer sua teia, dissociando-se dela. O texto não tem existência sem o leitor, não tem vida sem a leitura. Assim, recuperar a leitura literária no espaço escolar é um projeto para o qual é necessário construir novas formas de lidar com a literatura no Ensino Médio, inclusive pelo fato do novo formato que dissolveu a disciplina dispondo seu conteúdo dentro do quadro de Linguagens, Códigos e suas Tecnologias.

Segundo Barthes, o texto, ferramenta de formação do leitor, se provocar prazer é aquele que enche, contenta, dá euforia: aquele que vem da cultura, não rompe com ela, está ligado a uma prática confortável de leitura (2000). Já o texto de fruição é aquele que põe em estado de perda, aquele que desconforta, faz vacilar as bases históricas, culturais, psicológicas, do leitor, a consistência com seus gostos, valores, faz entrar em crise sua relação com a linguagem (BARTHES, 2000). Logo, o texto prazeroso é aquele que respeita, satisfaz as expectativas do leitor, e o texto de fruição, ao contrário, abala, desfaz as estruturas solidificadas e as reconstrói.

Dessa forma compreendemos que ler é uma atividade social de construção de sentidos multifacetados em que estratégias utilizadas pelo leitor não são as mesmas para todos os tipos de textos. Nesta perspectiva a leitura de fruição seria a escolha mais produtiva para desenvolver a sensibilidade e a percepção estética do leitor na construção de sentido, pois levaria o leitor ao prazer, satisfação e usufruto do texto. Como um fator básico a leitura torna o aluno um sujeito pensante, crítico e capaz de modificar a realidade e enfrenta-la, pois se constitui como algo essencial para o estudo em todas as áreas do conhecimento.

A reflexão sobre a possibilidade de humanizar o aluno através do ensino de literatura é debruçada por muitas mudanças ocorridas na educação, a universalização do ensino, aumento de investimentos financeiros na estrutura escolar, a incorporação da tecnologia no cotidiano da escola entre outros, mas nos apresenta um cenário que não aceita mais um ensino enciclopédico e vem contemplada com uma matriz curricular dividida em áreas. Essa nova perspectiva exige novas iniciativas para incentivar a leitura, abandonando a historiografia, a exclusividade do cânone, as escolas literárias, o ensino memorizado de datas e características baseado em fragmentos.

Para isso, é preciso novas abordagens em sala de aula, levar textos literários enfrentando o pouco tempo, o currículo inchado, mas ainda assim, ousar levar temas que representam a realidade de determinadas situações da vida social, para que estes leitores saiam de sua zona de conforto e seja transportada a reflexão. No contexto atual, um problema da

sociedade que assusta a coletividade é a violência, assunto que merece ter seu espaço de discussão dentro da escola, com narrativas que representem o tema, como romance de Ana Paula Maia, com enredo ambientado com características realista-naturalista em episódios que retratam a desigualdade social, dentro das suas tramas violentas.

O romance indicado para desenvolver a temática literatura e violência com o Ensino Médio neste artigo será *De gados e homens* (2013), escrito por Ana Paula Maia. A narrativa é uma metáfora do processo de animalização-desumanização que ocorre com o protagonista Edgar Wilson, atordoado no matadouro. O processo de desumanização ocorre através da brutalidade exigida da função desempenhada no trabalho da personagem, aliada a miséria, ausência do Estado, condições de trabalhos precários, resultantes de uma violência estrutural.

Nesse sentido, Antonio Candido (2006) afirma que sempre a conjuntura social vai influenciar a obra de arte, ou seja, o estudo do elemento social tem uma perspectiva de interiorização como elemento estruturador da obra. Assim, como vivemos numa época em que presenciamos a face violenta da nossa sociedade nas mais diversas configurações, podemos reconhecer este universo no texto literário. São questões de ordem social, econômica e cultural perpassadas pela violência. Sendo temática recorrente, nos jornais, nas redes sociais, e também nas rodas de conversas. Portanto é essencial levá-la para sala de aula através de leituras pertinentes, despertando os alunos para reflexão do lugar de fala do personagem relacionada a fatores de cunho social à margem da sociedade e propor ações de enfrentamento, evitando a banalização do mal. (ARENDR, 1999)

Segundo Jaime Ginzburg (2010) que ao falar da violência por meio da literatura entende que “em uma sociedade em que a violência tem um papel constitutivo, uma hipótese de trabalho produtiva consiste em partir da premissa de que a violência tem um papel fundamental para a literatura brasileira.” Candido completa a afirmação expressando que a literatura é um instrumento poderoso, pois tem papel formador da personalidade, mas não segundo as convenções, e sim segundo a força indiscriminada e poderosa da própria realidade (2011). A Literatura é um importante instrumento de transformação social, crítico e reflexivo competente para mudar e protagonizar a realidade de forma mais humana.

### **A formação de leitores no ensino de literatura**

A pesquisadora Ivanda Maria Martins Silva (2003) aborda na sua discussão o tema “Leitura e Literatura Na Escola: Encontros e Desencontros”, abordando uma série de questões conhecidas tanto pela academia, quanto por professores da Educação Básica referentes à

## Sobre a violência: Em uma busca da humanização pela literatura

desconexão ou desvinculação entre leitura e literatura na prática escolar. A discussão é conduzida por uma argumentação que sustenta a necessidade de associação do ensino de literatura a prática de leitura, que ambos não caminhem isoladamente e isso se justificam sustentado com base no apoio da teoria literária.

O ato de ler como processo escolarizado foi associado a atividades obrigatórias, avaliativas, interpretativas superficialmente e acumulativa, e sendo assim desmotivante ao aluno. Conforme Kleiman (1996, apud SILVA, 2005, p.18) a escola ainda prioriza a leitura como mera decodificação, pressupondo um leitor passivo, cuja participação volta-se para superfície do texto.

A discussão é ampliada para dissociação entre o texto e o leitor deixando a entender primeiramente a culpabilidade da Educação Básica pela prática equivocada. Contudo, cabe ressaltar as grandes dificuldades da escola pública no Brasil, somados aos desafios de se democratizar a leitura num país repleto de desigualdades e injustiças sociais.

Diante do atual debate retomamos o ensaio de Antonio Candido (2011), O direito à Literatura, no qual é colocada como parte dos Direitos Humanos. O homem não tem assistido na Constituição apenas o direito a sobrevivência física, mais também a intelectual e espiritual, o direito ao entretenimento. A sociedade tem direito a cultura, a arte, a se humanizar através dela, a se ver representado nela e isso só acontece por meio do acesso, que não deve ser negado.

A disciplina de literatura do Ensino Médio até 2017 possuía seu espaço, mas ensino, teoria e leitura ainda estavam desvinculados, resultando em leitores e reprodutores. O ensino era ministrado objetivando a classificação das escolas literárias e suas características, enquanto as leituras se restringiam a fragmentos apresentados nos livros didáticos trabalhados isoladamente. Além do direcionamento dos exames vestibulares que restringiam as questões objetivas o que limitava a possibilidade de exploração do texto enquanto pluralidade discursiva e transdisciplinar.

A leitura, literatura e teoria da literatura precisam estar associadas no projeto do ensino médio, lembrando que até o ano de 2017 ainda havia a disciplina de literatura como componente curricular do Ensino Médio no estado do Mato Grosso do Sul. E ainda que tivesse poucas aulas, ainda tinha espaço, no entanto no Estado está inserida dentro do componente curricular de Língua Portuguesa, a disciplina foi extinta do currículo, desconsiderando a fala de Barthes ( In: LAJOLO, 1993:15): “ se, por não sei que excesso de socialismo ou barbárie, todas as nossas disciplinas devessem ser expulsas do ensino, exceto uma, é a disciplina literária que devia ser salva, pois todas as ciências estão presentes no monumento literário”.

Em 2020 a disciplina vem “diluída” dentro do componente curricular de “Língua Portuguesa”, o ENEM já não solicita a tradicional lista dos clássicos do vestibular, que era leitura obrigatória aos estudantes do Ensino Médio. E Alguns manuais didáticos já apresentam uma versão bem contextualizada, optando pelo caminho do gênero textual para ministrar as aulas de literatura ao contrário da antiga classificação das escolas literárias nas linhas do tempo.

Segundo Jaime Ginzburg (2010), o autoritarismo do cânone é algo que também distancia o leitor, ainda que as estratégias tenham alterado. O cânone ainda continua a ser supervalorizado em detrimento das obras contemporâneas, prejudicando a proposta de estimular a leitura, e a interação leitor e texto. O ensino de literatura no ensino médio, especificamente, com sua articulação com os exames vestibulares, de modo geral reforça uma reverência a valores canônicos assumidos institucionalmente.

A reprodução passiva do cânone na formação de estudantes constitui uma limitação na expectativa de desenvolvimento crítico, o trabalho reflexivo é abandonado, em favor de uma pura esquematização de sistemas de valor já prontos e balizados. De acordo com Jaime Ginzburg, é necessário discutir este cânone, observando seu vínculo direto com a desigualdade social do país ao apontar que não existe ou quase não existe a presença das minorias dentro do cânone, demonstrando um elo entre os critérios de exclusão estética e as experiências de exclusão social.

A escola deve ir além das aprovações e formar leitores críticos, que extrapolem os textos e toquem suas entrelinhas, façam a inferências durante a interação com texto e compreendam como função simbólica e social. A sala de aula precisa ser o espaço que remova os obstáculos e proporcione ocasiões que permitam a experiência da leitura literária. As práticas pedagógicas precisam se consolidar sobre a teoria literária, contrapondo a atual marca formalista e estruturalista e adotar uma postura na qual o aluno seja mais ativo, interaja com o texto, faça inferências. E seja capaz de articular literatura, leitura, e teoria literária durante o ensino de literatura.

### **Literatura como forma de humanização e violência como reflexão**

Abordar o texto literário em nova perspectiva é uma possibilidade de prática leitora que pode gerar resultados positivos no processo de formação de leitores no ensino médio. Realizar abordagens de textos literários temáticos, neste caso, violência, é uma forma de refletir questões que fazem parte do cotidiano dos educandos, além de proporcionar humanização por meio da literatura.

## Sobre a violência: Em uma busca da humanização pela literatura

Os avanços científicos e humanos não foram suficientes para evitar guerras e conflitos entre povos e nações, e o desenvolvimento industrial não possibilitou vida digna a todas as pessoas ao contrário possibilitou o avanço da exploração pelo homem e agora pela tecnologia. O contexto da sociedade, em grande parte, é de insegurança. No Brasil, os números de criminalidade, corrupção e violência são exemplos do cenário atual. A violência é uma prática cultural e social que precisa ser enfrentada. Nessa perspectiva Xavier Crettiez (2011) afirma que:

Uma definição corrente de violência a classifica como um ato de coerção dolorosamente experimentado que visa “agir sobre alguém ou fazer com que alguém aja contra sua vontade, por meio da força ou da intimidação” (*Le Petit ROBERT, 1993*). Essa definição é ao mesmo tempo completa e insuficiente. Completa ao possibilitar qualificar como violência toda pressão social que fere a vontade individual. (CRETIEZ, 2011, p.11).

Em virtude deste amplo conceito de violência que se estende a toda sociedade, compreendemos que merece seu espaço de reflexão dentro da escola. A escola como espaço democrático e de superação dos problemas que a sociedade enfrenta precisa ser flexível para esta temática contemporânea. Segundo Flávia Schilling (2004):

A educação materializada na escola é um dos direitos humanos fundamentais para a realização de uma série de outros direitos humanos. Quem, senão a prática educativa nas escolas, pode realizar de maneira intensa o direito humano que nos diz que toda pessoa tem direito de participar livremente da vida cultural da comunidade, de fruir as artes e de fazer parte do progresso-científico e de seus benefícios? Este é o objetivo central da escola: possibilitar o acesso aos bens científicos e culturais produzidos pela humanidade. Igualmente, é nessas práticas que conquistamos o exercício da liberdade de expressão, do acesso à informação que possibilite o usufruto dos direitos civis e políticos, dos direitos sociais e econômicos. Lembrando sempre, que cada um desses direitos implica seu dever correlato, posto que o direito é necessariamente universal (SCHILLING, 2004, p.69).

Logo, ao pensar o ensino de Literatura, entendemos que o seu ensino é um momento importante para uma educação com vistas a formar cidadãos que transformem a sociedade, entendendo que a educação é um direito humano em si e através dela acontecerá a realização de outros tantos direitos. A educação precisa atuar como promotora da justiça e incentivar uma cultura de não violência.

Segundo Jaime Ginzburg (2010), alguns textos literários podem nos permitir observar motivações importantes que levam as personagens a agressividade. Aborda uma representação



de um mundo violento capaz de gerar níveis de estresse, ansiedade e insegurança e que há uma apatia da mídia em relação à violência, o que é muito negativo, pois ela desumaniza as pessoas através da normalização e da banalização da violência. A literatura que aborda a temática da violência pode romper certas percepções e por isso deve ser desenvolvido em sala, de acordo com Ginzburg (2010).

Na hipótese levantada por Jaime Ginzburg “em que a violência tem impacto traumático sobre a sociedade, de tal modo que esta não consegue ter, com relação a si mesma autoconsciência necessária para a superação dos efeitos de agressão” (GINZBURG, 2010). Assim, o trabalho com textos literários no Ensino Médio pode ser realizado como forma que gere reflexão e criticidade aos alunos, oportunizando lhes autoconsciência e possibilidades de superar uma sociedade violenta, além de estimular a compreensão da literatura como um bem precioso para a formação humana.

Antonio Candido (2011) complementa a conjuntura social porque irá afirmar que a obra de arte é "influenciada por uma construção social e tem um efeito humanizador nesta mesma sociedade. . De acordo com Candido, a fruição literária provoca a humanização. Revela que a literatura tem uma força humanizadora que se apresenta usando como matéria-prima o homem e depois atua na própria formação do homem (CANDIDO, 2011). Assim, o texto literário inspira no real, no caso a violência, essa ação dupla do texto pode contribuir para a formação do sujeito.

### ***De gados e homens: uma narrativa para sala de aula***

O romance *De gados e homens* (2013) de autoria da escritora e roteirista carioca Ana Paula Maia, vencedora duas vezes no Prêmio São Paulo de Literatura e indicada ao Prêmio Jabuti. Autora contemporânea que segundo Schollhammer (2009) afasta se das tendências estéticas próprias do seu tempo de auto ficção, assim como daquela literatura que focaliza as grandes cidades. Embora mulher e negra, nascida e criada no Rio de Janeiro, rejeita seu lugar de fala e constrói seu enredo dando voz a temática violência bruta e masculina de ambiente distante das grandes cidades.

Segundo Schollhammer em *Ficção brasileira contemporânea* (2009), vários autores brasileiros contemporâneos procuram, dentre eles Ana Paula Maia, escrever a realidade brasileira, posições marginalizadas, através de elaborações estéticas e artísticas baseadas em uma ética da transformação, no meio de si mesmo, através de um texto direto, sem rodeios, abordando temas convulsivos e procurando extrair dele sua máxima força. (



## Sobre a violência: Em uma busca da humanização pela literatura

SCHOLLHAMMER, 2019). Deste modo a obra de Maia entrelaça elementos socioeconômicos aos elementos estéticos, desenvolvendo uma série de temas que fazem reconhecer o mundo moderno dentro de sua obra, neste caso, as formas de violência.

O enredo do quinto livro escrito por Ana Paula Maia tem como cenário o Vale dos Ruminantes, região de matadouros e frigoríficos, cercado pelo Rio das Moscas é situado em um ambiente rural. O protagonista é Edgar Wilson que trabalha como atordoador no Matadouro Touro do Milo. A realidade do protagonista e das demais personagens é construída em relação ao trabalho que executam. O tema central do romance é a metáfora da animalização-desumanização que Edgar Wilson sofre por meio do labor, a representação começa na capa no livro e se desenvolve na trama associado ao tema trabalho e morte, ambos de fundamental importância para o ser humano.

O tempo da narrativa apresenta uma estrutura cronológica e linear, não há marcos temporal ou geográfico que determine tempo ou espaço, além das informações ficcionais como o Vale do Ruminante. O enredo tem um caráter episódico, pois são fatos que integram um todo da trama, mas independem um do outro. Narrador heterodiegético, com foco externo, relata um universo do qual ele não faz parte, narrando em terceira pessoa com relação de alteridade. O narrador apresenta um importante papel neste romance ao criticar os defeitos e más condutas que acometem a sociedade. Embora seja direcionada a uma personagem, é também utilizada para representar os aspectos da moral tradicional que precisam ser questionados e repensados.

Seu Milo costuma ir à missa com a família logo pela manhã, mesmo tendo bebido e deitado com prostitutas na véspera. Mas se considera um bom homem e nunca foi confrontado por suas atitudes. Acredita que a hóstia o limpa de toda impureza e o redime de toda imperfeição. (MAIA, 2013, p.76).

O protagonista Edgar Wilson é um sujeito que abate gado. Ele é muito bom na sua função e se orgulha do seu bom desempenho no trabalho. No momento do abate ele desenvolve um ritual que diminui o sofrimento do animal, com cal faz o sinal da cruz na frente do boi e acerta a marretada com precisão. Porém o convívio com a morte afeta o seu discernimento entre o certo e errado, pois no seu convívio com as pessoas no cotidiano mata friamente. Este aspecto é explorado no desenvolvimento da personagem, sua relação com o trabalho e com a morte, acentua a metáfora de desumanização.

No ponto de vista de Edgar Wilson, a morte do gado (animal) deve ser bem trabalhada para evitar o sofrimento do animal, mediante este fato, não deseja que outros executem seu

trabalho. Essa é a motivação do assassinato cometido por ele a um colega de trabalho. Edgar Wilson presencia Zeca matar de forma cruel um animal:

Edgar Wilson entra no banheiro do alojamento. Espera que reste apenas o Zeca no banho. Com a marreta, sua ferramenta de trabalho, acerta precisamente a fronte do rapaz, que cai no chão em espasmos violentos e geme baixinho. [...] Cumprido o seu dever, ele vai para a cozinha do alojamento e frita os hambúrgueres. (MAIA, 2013, p.21).

A falta de discernimento da personagem fica clara neste fragmento, revelando como seu trabalho no matadouro como atordoador a afeta, refletindo numa conduta de brutalidade e falta de consciência. Edgar Wilson abate o colega de trabalho, comparado o com um animal e o deposita no rio junto com os outros detritos. Não reconhece a criminalidade, considera que cumpriu o dever assassinando um sujeito cruel com os animais.

A desumanização não se alimenta apenas do sangue da morte, mas também da sobrevida gerada pela precariedade da vida financeira da personagem. Ainda que seja um funcionário competente e respeitado pelo patrão, não recebe um bom salário, o que ressalta sua falta de perspectivas. A situação de tantos outros trabalhadores invisíveis que se submetem a situações precárias para sobreviver, o alojamento é separado dos animais por apenas uma parede, cheiros e sons se misturam, no trabalho não há uniforme, equipamento de segurança, direitos trabalhistas e as condições de sobrevivências são mínimas.

Edgar Wilson nunca comeu um hambúrguer, mas sabe que a carne é moída, prensada e achatada em formato de disco [...] O preço do hambúrguer equivale a dez vacas abatidas por Edgar, já que recebe centavos por cada animal que derruba. (MAIA, 2013, p.13).

Ao fim da narrativa, Edgar sente-se feliz em partir para um emprego novo e executar uma função que sempre desejou: abatedor de porcos. Desta forma, o ciclo de mortes continua, já que enquanto houver alguém disposto a comer carne, haverá alguém disposto a matá-los. O final da narrativa representa uma reflexão que parte da personagem, mas se estende a toda sociedade, questionando até que ponto apenas os que sujam as mãos de sangue são responsáveis pela morte.

Antonio Candido em *Literatura e Sociedade* (2006) afirma a necessidade de se estabelecer a relação do texto literário com a sociedade, portanto, com os problemas sociais.

## Sobre a violência: Em uma busca da humanização pela literatura

Uma obra merece ter uma análise dentro de um contexto social. O fator social é invocado para explicar a estrutura da obra e o seu teor de ideias, fornecendo elementos para determinar sua validade e o seu efeito sobre nós (CANDIDO, 2006). Assim, a obra deve ser constituída pela unificação dos elementos forma e conteúdo. Dentro desta abordagem Maia desenvolve as temáticas de violência, desigualdade social, falso moralismo representando um cenário real aos leitores.

Segundo Candido, os leitores influenciam e são influenciados por valores e padrões cristalizados, os três elementos que fundamentam e possibilitam a comunicação artística são: autor, obra e público. Quando se analisa um texto literário para que haja uma boa análise, deve ser considerada obra, autor e público e sua recepção. Dessa forma terá sido estabelecida relação entre texto literário com a sociedade. A narrativa de Maia deve proporcionar aos alunos a reflexão, por exemplo, do preço do MC Donalds comparado ao salário mínimo de um trabalhador, suscitar o que é desigualdade social, explicando que isso se trata de uma forma de violência.

Ainda na relação do texto literário com a sociedade, Jaime Ginzburg (2010) afirma que a formação estética de uma sociedade é parte decisiva de sua formação ética, assim o texto literário é importante instrumento para abordar os problemas sociais. O fato de vivermos num mundo inseguro, constituídos de estímulos de violência nos torna apáticos, desumanizados, autômatos, medidos pelo tempo do trabalho. Ginzburg (2010) afirma que o contato com textos literários pode fazer as pessoas reagirem emocionalmente a esta violência social, no caso deste estudo apresentado na obra *De gados e homens* (2013). E o autor diz: “O acesso a questionamentos sobre a violência por meio da literatura permite romper com a apatia e o torpor, de um modo importante” (2010)

### Considerações finais

Segundo Regina Zilberman (2009), leitura e escola talvez devam recorrer à literatura para retomar seu caminho e reavaliar seus respectivos propósitos. E neste sentido propomos uma abordagem de romance de literatura e violência, representação do real, por acreditar no poder humanizador da literatura e no potencial da literatura e da leitura para transformação do homem e da sociedade. E ainda, acreditar no espaço democrático da escola, competente para solidificar a aprendizagem e contribuir para a construção de uma sociedade menos desigual.

Ao valorar uma cultura humanizadora, nota-se que a literatura apresenta uma abordagem que promove o encontro com outras artes e conhecimentos propiciando formas de

experiência humana que contribuem com a formação de um indivíduo mais completo. Logo, a utilização de temáticas no ensino de literatura proporciona uma aprendizagem mais humanizada e pacífica com textos que representam o real, partem do cotidiano do aluno, de acordo com Candido (2006).

O ensino de literatura no Ensino Médio é complexo, mas com professores bem qualificados e com boas propostas de leitura a escola pode construir aprendizagens significativas, rompendo com o ensino automático com uma única dimensão. A valorização do texto literário em detrimento das escolas literárias nas aulas de literatura, ainda que dentro da disciplina de Língua Portuguesa possa desenvolver a humanidade e o interesse em seus alunos.

A literatura é uma arte que humaniza pacificamente, pois é apreendida subjetivamente por meio da reflexão, da emoção e do pensamento. Assim, cabe a abordagem a narrativa *De gados e homens* (2013), um texto de literatura e violência permitir a fruição estética, instigar a razão, a imaginação e o senso crítico aos alunos do Ensino Médio. Afinal, no contexto contemporâneo é mister a necessidade de humanizar pela arte, valorizando o espaço da escola que permite a sensibilidade e as emoções.

De acordo com Jaime Ginzburg (2010) a literatura precisa ser trabalhada de forma que reaja a todo tipo de violência, ou seja, conhecer a violência pela literatura produzirá conhecimento e discernimento da realidade. A violência precisa ser debatida no cotidiano de leituras na sala de aula no sentido de promover paz, oportunizando reflexão, análise, crítica e possíveis soluções que visem transformar a realidade social. Assim, a literatura será uma possibilidade na formação humana.

Candido (2006) mostra o poder humanizador que a literatura possui, contribuindo para que o aluno seja ético em questões que permeiam a violência. Portanto, o espaço de sala de aula de literatura é tão importante uma vez que o professor necessita ter em vista a formação de um aluno crítico com capacidade de atuação em seu meio social. Ginzburg afirma que nisso está o poder do texto literário de interromper os sentidos automatizados da realidade, romper a insensibilidade, a normalidade, banalidade sobre a violência. A abordagem de associar o ensino como prática social que relaciona a arte à vida na proposta de literatura do Ensino Médio pode ter resultados positivos contribuindo para uma sociedade mais justa e igualitária.

## Referências

## Sobre a violência: Em uma busca da humanização pela literatura

- ARENDDT, Hannah. **Eichmann em Jerusalém: um relato sobre a banalidade do mal**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- BARTHES, Roland. **Aula Inaugural da Cadeira de Semiologia Literária do Colégio de França** (pronunciada dia 7 de janeiro de 1977). São Paulo: Cultrix, 1980.
- BARTHES, Roland. **O prazer do texto**. São Paulo: Perspectiva, 1973.
- BARTHES, Roland. **O prazer do texto**. São Paulo: Perspectiva, 2000.
- CANDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade**. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2006.
- CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: **VÁRIOS Escritos**. 5. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011. cap. O direito à literatura, p. 171-193. Disponível em: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/3327587/mod\\_resource/content/1/Candido%20%20Direito%20%20C3%A0%20Literatura.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/3327587/mod_resource/content/1/Candido%20%20Direito%20%20C3%A0%20Literatura.pdf). Acesso em: 24 nov. 2020.
- CRETTEZ, Xavier. **Las formas de la violencia**. 13. ed. aum. Buenos Aires: Waldhuter Editores, 2009.
- CASTELL, S; LUKE, A.; MACLENNAN. **On defining literacy. Literacy, Society, and Schooling: a reader**. Cambridge University Press, 1986. Disponível em: [file:///D:/Downloads/1498-8453-1-PB%20\(2\).pdf](file:///D:/Downloads/1498-8453-1-PB%20(2).pdf). Acesso em: 24 nov de 2020.
- GINZBURG, Jaime. **Crítica em tempos de violência**. São Paulo: EDUSP, FAPESP, 2010. Disponível em: < [https://joacamillopenna.files.wordpress.com/2015/03/tese-de-livre-docencia-jaime-ginzburg-a\\_copy.pdf](https://joacamillopenna.files.wordpress.com/2015/03/tese-de-livre-docencia-jaime-ginzburg-a_copy.pdf)> Acesso em: 24 nov. de 2020.
- KLEIMAN, Angela. **Texto e leitor: aspectos cognitivos da leitura**. 7 ed. Campinas: Pontes, 2000.
- LAJOLO, Marisa. **Usos e abusos da literatura na escola: Bilac e a literatura escolar na República Velha**. Rio de Janeiro: Globo, 1982.
- MAIA, Ana Paula. **De gados e homens**. 1. ed. Rio de Janeiro: Record, 2013.
- NATALI, Adriana. **O apagão da leitura**. Língua Portuguesa, São Paulo, ano 8, n.83, p40-45, set.,2012.
- SCHILLING, Flávia. **A sociedade da insegurança e a violência na escola**. São Paulo: Moderna, 2004.
- SCHOLLHAMMER, K. E. **Ficção brasileira contemporânea**. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2009.

SILVA, Ivanda Maria Martins. LITERATURA EM SALA DE AULA: DA TEORIA LITERÁRIA À PRÁTICA ESCOLAR. In. **Anais do Evento PG Letras 30 Anos**, vol. I, p. 514-527, 2003. Disponível em: <https://pibidespanholuefs.files.wordpress.com/2015/07/texto-para-o-encontro-de-amanhc3a3.pdf>. Acesso em: 6 set. de 2020.

*Recebido em março de 2021.*

*Aceito em junho de 2021.*